

ERIC HOBSBAWM: PAIXÃO E PROJETO POLÍTICO

Priscila Gomes Correa
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
cbcvpgc@gmail.com

Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012) foi um dos historiadores mais engajados no processo de renovação da historiografia desde meados do século XX, a nova postura seria aquela pautada pela explicitação dos pressupostos que permeariam o fazer historiográfico, em especial as diretrizes e opções teóricas e ideológicas de seus autores. Uma verdadeira conquista de parâmetros metodológicos capazes de descortinar o lugar social do historiador sem que o mesmo fosse acusado de falta de objetividade. O que permitiu ao jovem Hobsbawm assumir de maneira coerente uma trajetória política desde seus primeiros trabalhos historiográficos, que com desenvoltura revelavam as causas abraçadas pelo seu autor, o ideal de um mundo melhor racionalmente construído a partir dos processos revolucionários alocados à esquerda no espectro político contemporâneo.

Dessa maneira, o projeto assim como os métodos aplicados por Hobsbawm foram explicitados desde o seu primeiro livro, incluindo artigos e entrevistas. Sendo notável o manejo de suas paixões como elemento constitutivo de suas interpretações historiográficas. O comunismo aparece em sua trajetória como parte da tradição da civilização moderna, desde as Revoluções Americana e Francesa, do compromisso com a melhoria das condições de vida de todos os seres humanos (HOBSBAWM, 1999, p.193). Nesse compromisso o historiador estruturou a sua própria concepção de política, aquela que se desenvolve numa “esfera pública”, “na qual as pessoas articulam suas opiniões e se unem para alcançar objetivos coletivos”. Eis a política como sistema, não diferindo da definição apresentada por Robert Dahl: “qualquer estrutura persistente de relações humanas que envolva controle, influência, poder ou autoridade, em medida significativa” (DAHL, 1974, p.4).

Mesmo assim, as abordagens do historiador não se restringiram ao fato inevitável da política na vida dos homens, pois buscavam expandir essa concepção ao

apontar o caráter organizativo inerente à ação política presente na “esfera pública”. Referindo-se ao caráter destrutivo da evolução do mercado, Hobsbawm tomou emprestado de Jürgen Habermas essa idéia da organização da “esfera pública” como essência da política, sendo sua crescente privatização fator corrosivo do processo democrático. A noção de “esfera pública” também foi delineada por Reinhart Koselleck em seu livro, *Crítica e Crise* (1959), como essencialmente uma esfera burguesa que começou a se desenvolver no século XVIII. Para Koselleck a crítica iluminista ao Estado absolutista teria levado o foro privado ao domínio público, reduzindo “a própria política, enquanto tarefa constante da existência humana, a construções utópicas do futuro” (KOSELECK, 1999, p.17).

Habermas aprofundou essa definição ao destacar que a esfera pública burguesa, como categoria histórica, “pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social” (HABERMAS, 1994, p.42). Somente por meio dessa relação/separação do privado, a esfera pública adquiriu funções políticas durante o século XVIII, pois fazia a mediação entre o Estado e a sociedade civil, daí tornar-se o lugar da discussão democrática.

Sob este contexto, Hobsbawm desenvolveu suas reflexões sobre o mundo contemporâneo, e percebeu no avanço do livre mercado e da ênfase no “privado” o abandono progressivo da tarefa política de regulamentação da sociedade civil, visto que a “esfera pública burguesa” ainda se constituiria como um “princípio organizacional de nosso ordenamento político”. O problema das utopias desenvolvidas nesse processo seria que, muitas vezes, “as grandes causas são tão grandes que justificam todos os sacrifícios”, mas a humanidade não poderia funcionar sem as esperanças de eliminar a infelicidade no mundo (HOBSBAWM, 1999, p.192). Um projeto político não restrito, portanto, ao imediatismo de experiências pessoais, pois visando atuar dentro de uma cultura histórica revolucionária que há mais de duzentos anos surgiu no Ocidente.

Entretantes, as paixões, a militância na história e o comprometimento político do autor foram apresentados de forma clara e com a erudição de um indivíduo sempre

ansioso por observar e analisar atentamente o mundo em que vive em sua autobiografia, intitulada *Tempos Interessantes*, publicada em 2002. Neste texto expôs um mundo, “uma era engolfada pela política”, onde logo se viu orientado para a paixão política. Foi ainda na Berlim da década de trinta, por sugestão de um professor, que começou a ler muito, e entre suas leituras destacou Karl Kraus, Bertold Brecht e o Karl Marx do *Manifesto Comunista*, cuja leitura o fez “descobrir que a história era alguma coisa importante”. Tornou-se logo “um comunista para o resto da vida”, imerso no sonho da Revolução de Outubro, pois para um jovem judeu criado na Europa Central, e que assistiu a vitória de Hitler na Alemanha, não parecia existir outra alternativa a não ser “o engajamento passional com a revolução mundial”.

Nessa medida, a política para o jovem Hobsbawm era sobretudo uma paixão, como discerniu o próprio historiador ao dizer que em 1933 “não reagia às notícias política ou criticamente, mas como partidário romântico, como um torcedor de futebol”. Essa fase foi logo substituída por uma visão mais consistente após ingressar definitivamente no Partido Comunista em 1936, nos anos em Cambridge. No entanto, as diretivas do Partido passaram a nortear fortemente suas posições, seu nascente marxismo correspondia, então, à *Breve História do Partido Comunista da União Soviética* de Stálin. Sua participação no “grupo de historiadores marxistas britânicos”, vinculado ao Partido, entre 1946 e 1956, consolidou seu marxismo, bem como as posições políticas que abraçou a vida toda.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, Hobsbawm elaborou seu primeiro tema de pesquisa, sobre a África do Norte francesa, mas quando foi convocado em 1940 para servir no exército britânico a pesquisa perdeu o sentido, foram “seis anos e meio” que a guerra teria roubado de sua vida: “foram os anos menos satisfatórios que vivi”. Considerado suspeito, em função de seu vínculo com o Partido, foi “mantido longe das zonas sensíveis, como o exterior”. Não obstante, considerou a experiência de servir nos Engenheiros Reais importante, na medida em que pela primeira vez se viu “como membro, ainda que não muito característico, do proletariado cuja emancipação traria a liberdade ao mundo”. Trabalhar com uma britadeira e conviver com operários ingleses provocaram no estudante de história uma grande admiração por essa classe: “sei que os

comunistas devem acreditar nas virtudes do proletariado, mas senti-me aliviado por constatar isso na prática, tanto quanto na teoria”.

Depois da guerra, desse primeiro contato efetivo com a classe operária e de uma conversa com um antigo professor e futuro supervisor de seu doutorado, M. M. Postan, Hobsbawm interessou-se pela história da Sociedade Fabiana. Terminou sua tese de doutorado, *Fabianism and the Fabians, 1884-1914*, em 1950, mas dois anos antes já havia editado uma coleção de documentos sobre história operária, *Labour's Turning Point, 1880-1900* (1948), livro de uma coleção, *History in the Making*, em quatro volumes com direção editorial de Dona Torr, uma iniciativa do Grupo de Historiadores do Partido Comunista para divulgar sua perspectiva histórica. A participação nesse grupo de historiadores marxistas permitiu-lhe uma importante inserção na historiografia marxista e, de acordo com Harvey Kaye, contribuiu com a teoria da determinação de classes ao ampliar o conceito de “experiência de classe” até torná-la “política” e submetê-la à determinação da luta de classes. Dessa forma, Hobsbawm buscava considerar a “totalidade” da experiência da classe trabalhadora, ampliando o campo de estudo e, embora não tenha publicado extensos trabalhos sobre o tema (podemos citar apenas *Capitão Swing* de 1969, em parceria com George Rudé), escreveu, a partir de 1949, uma quantidade substancial de artigos científicos (posteriormente publicados em coletâneas) discutindo a questão.

Nos primeiros anos da Guerra Fria, os historiadores comunistas britânicos não tiveram oportunidades para ocupar cargos em universidades, com Hobsbawm não foi diferente, conquanto tenha se tornado conferencista da Faculdade de *Birkbeck* em 1947, somente obteve promoção em 1959. Seu maior ressentimento, durante esse parcial ostracismo, é não ter conseguido publicar seu primeiro livro, *The rise of the wage worker*, que propusera aos editores Hutchinsons em 1953, supostamente recusado por sugestão anônima de leitores. No entanto, a revista *Past and Present*, co-fundada por Hobsbawm em 1952, revelou-se um dos principais meios para a divulgação dos trabalhos dos historiadores marxistas, sendo hoje considerada uma publicação tão importante para a historiografia quanto a revista francesa *Annales*.

Foi para *Past and Present* que Hobsbawm escreveu um importante trabalho sobre “a crise geral do século XVII” em 1954, dando nova dimensão ao debate sobre a

transição do feudalismo para o capitalismo. Sua vida profissional começou, então, a deslanchar, em fins da década de cinquenta recebeu a encomenda de G. Weidenfeld para escrever *A Era das Revoluções* e, em 1959, finalmente, publicou seu primeiro livro: *Rebeldes Primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Trata-se de um ensaio de propósito analítico e descritivo sobre o banditismo social e os milenarismos, ou seja, formas “primitivas” ou “arcaicas” de agitação social em parte da Europa desde a Revolução Francesa (HOBSAWM, 1978, p.11). Seu objetivo era “fazer justiça às lutas sociais (...) que haviam sido esquecidas ou até mesmo consideradas pouco importantes simplesmente por haver tentado tratar dos problemas dos pobres numa sociedade capitalista utilizando equipamento inadequado ou historicamente obsoleto”. O historiador apresenta-nos, nesse caso, não só um estudo histórico mas uma discussão política, sendo exatamente nesse livro que desenvolveu o polêmico conceito de “pré-política”.

O *XX Congresso do Partido Comunista* e os acontecimentos pós 1956, certamente influenciaram a redação de *Rebeldes Primitivos*, direcionada para a reconsideração dos modelos de ativismo revolucionário, a questão era saber se os comunistas estavam certos em acreditar num partido fortemente organizado. Dessa forma, foi em função de sua experiência política que Hobsbawm colocou o problema da suficiência da análise ortodoxa dos movimentos operários para explicar a realidade do proletariado, tema considerado marginal, mas importante para o estudo da evolução do capitalismo. Ao se ocupar da transição do pré-capitalismo para o capitalismo, delineou os temas fundamentais de toda a sua obra, a saber, as transformações ocorridas no mundo no período iniciado pela “dupla revolução”, a Francesa e a Industrial; em outros termos, a evolução da sociedade capitalista.

Ao afirmar que, nessas agitações sociais “primitivas”, as pessoas eram “pré-políticas”, isto é, “ainda não encontraram, ou somente começaram a encontrar, uma linguagem específica para expressar suas aspirações sobre o mundo”, Hobsbawm provocou controvérsias entre especialistas que discordaram do conceito, ainda mais porque o autor apontou a aquisição de consciência política, por essas pessoas, como uma especificidade revolucionária do século XX na História. Como vimos, sua concepção de política envolve as idéias de organização e influência, mas ao se defrontar

com agitações populares (“a pré-história dos modernos movimentos operário e camponês”) muitas vezes destituídas desse sentido de organização e ligadas aos antigos laços de parentesco e solidariedade, buscou interpretar essas tentativas de adaptação à moderna economia capitalista por meio de um termo que não desvelasse para o anacronismo; visto que, como explicou posteriormente, eram pessoas “políticas antes da invenção da terminologia, do contexto moderno e do complexo institucional da política”.

A possibilidade de equívocos o levou a enfatizar a flexibilidade do termo na edição seguinte do livro, acrescentando um epílogo no qual esclareceu que “a distinção entre “primitivo” e “moderno” é ao mesmo tempo uma afirmação histórica e um juízo de valor”, no mesmo sentido a qualificação de “pré-política” pode estar vinculada a falta de ideologia/utopia, ou mesmo a não aspiração ao poder, ou ao fato de ter dado origem as idéias necessárias para essas operações. Inclusive as condições históricas de passagem do pré-político para o político são deixadas como uma questão em aberto. Em entrevista à revista *Estudos Históricos* de 1989, Hobsbawm diz que não utilizaria mais o termo sem uma qualificação bastante cuidadosa, pois tem tentado esclarecer o conceito como um “político” de outro tipo, que opera de outra maneira. Portanto, como bem percebe Harvey Kaye, nem não-político nem apolítico, pelo contrário, na contramão das interpretações tradicionais de tais movimentos Hobsbawm encontrou neles aspectos políticos, ou seja, uma pré-política.

Rebeldes Primitivos pode nos informar mais sobre a obra de seu autor, como a motivação primordial de sempre suscitar reflexão e detectar lacunas nos estudos históricos, bem como a percepção de problemas fundamentais do mundo contemporâneo, como da “pré-história do que pode ser chamado, sem muita precisão, de movimentos nacionais”, esta preocupação constante do historiador desenvolvida anos depois no livro *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade* (1990). Suas convicções quanto ao papel das revoluções e dos revolucionários também são reafirmadas, pois ao leitor recomenda: “simplesmente que admita o fato de que existem (revoluções) e de que pelo menos algumas revoluções transformaram em profundidade a sociedade, embora não necessariamente da forma planejada pelos revolucionários, ou de modo tão total, completo e final quanto pretenderam. Mas o

reconhecimento de que modificações profundas e fundamentais ocorrem na sociedade não depende da crença de que a Utopia é realizável”.

Com esta citação visamos assinalar, mais uma vez, a convicção política e historiográfica que desde então Hobsbawm não abandonou, antes, tem reafirmado como uma máxima durante sua trajetória, a certeza de que o mundo pode ser mudado e de que a História se ocupa das transformações pelas quais passou a humanidade. Pode-se dizer que por este viés ele conseguiu juntar num todo coerente seus temas escolhidos “de maneira intuitiva e acidental”, mesmo seu peculiar trabalho sobre o jazz cabe em seu projeto, ainda que não realizado plenamente, de uma história “total”. Durante sua trajetória escreveu crônicas, sem ambição estética mas social, sobre jazz para o semanário de esquerda *The Statesman*. Fenômeno cultural visto de um ponto de vista histórico, o jazz seria tema de um livro publicado também em 1959, *História Social do Jazz*, sob o pseudônimo de Francis Newton, pois o historiador desejava separar sua atividade historiográfica de sua produção como jornalista de jazz (HOBSBAWM, 1990, p.11). Restrição superada, anos depois, com a publicação do livro *Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz* (1998), no qual foram reunidos seus trabalhos sobre operários, camponeses e jazz.

A Era das Revoluções, seu primeiro livro de grande repercussão, foi redigido sob encomenda e entregue ao público em 1962, inserindo o autor no amplo debate acerca das revoluções e do capitalismo. Neste ínterim, cabe lembrar que Hobsbawm não abandonou o Partido depois de 1956, atitude característica entre os intelectuais comunistas, não deixando a causa a qual pretendia dedicar sua vida. Diz pertencer a uma geração que colocou suas esperanças na Revolução de Outubro e que não se tornou comunista unicamente em função do antifascismo; “até hoje me vejo tratando a memória e tradição da União Soviética com uma certa indulgência e ternura”

Tal postura influenciou sua atividade profissional, no mínimo abdicou durante muito tempo do estudo do século XX e, sobretudo, de sua classe trabalhadora, pois “não era possível escrever sobre qualquer coisa posterior a 1917 sem a probabilidade de ser denunciado como herege político”. Uma opção que o colocou na contracorrente do “movimento historiográfico, que se afastava do passado remoto e se aproximava do presente”. Movimento no qual se viu lançado em meio à batalha entre a velha e a nova

história, o processo de modernização historiográfica, iniciado por volta de 1890, atingia o cume em meados do século quando os interesses dos historiadores franceses dos *Annales* e dos ingleses marxistas da *Past and Present* começaram a convergir, até que na década de setenta a batalha contra a história tradicional parecia ganha. Segundo Harvey Kaye, Hobsbawm destoou até da tendência comum ao grupo de historiadores marxistas de evitar o modelo “base-superestrutura”, insistindo em apresentar o enfoque marxista em termos de modelo, o que poderia estar relacionado com sua permanência no Partido.

Hobsbawm teria adotado este modelo, pelo menos em *teoria*, mas a tendência ao *economicismo*, atribuída ao modelo, foi logo sobrepujada por sua consideração das classes sociais em relação a outras e como totalidades, ou seja, implicando toda a sociedade. Assim, para Kaye, sua determinação da luta de classes não reduz a experiência humana ao econômico. Contudo, podemos confrontar essa interpretação com a seguinte idéia de Hobsbawm: “o valor principal de Marx para os historiadores reside em suas proposições sobre história, enquanto distintas de suas proposições sobre a sociedade em geral”, pois estas levam ao *marxismo vulgar* baseado na interpretação econômica da história, no modelo base-superestrutura, no interesse de classe e na luta de classes, como se os historiadores não lessem muito além da primeira página do *Manifesto Comunista*.

Harvey Kaye apontaria, ainda, o caráter limitado de seus estudos sobre a classe operária em contraste com o trabalho normalmente realizado por muitos historiadores, mas, sob outra perspectiva, possuiria a virtude de não perder de vista a relação do movimento social com o problema do poder e do Estado, ou seja, a dimensão política. As possíveis limitações na obra de Hobsbawm sobre a classe trabalhadora são condizentes com o gênero, em geral, ensaísta de seu trabalho, sempre com o intuito de instigar novos estudos, como podemos verificar na coletânea *Trabalhadores: estudos sobre a história do operariado* (1964), uma série de artigos sobre história e assuntos da classe trabalhadora abrangendo o período do século XVIII à 1914, nos quais são discutidas, primordialmente, as condições de eficiência dos movimentos trabalhistas de uma perspectiva econômica.

Em *Trabalhadores* encontramos alguns desenvolvimentos de seu trabalho de doutorado, bem como reflexões sobre as relações entre os movimentos sociais, como os trabalhistas, e as grandes revoluções sociais de 1789-1917 (HOBSBAWM, 1981, p.134). Diante disso, percebe-se a configuração do pensamento de Hobsbawm, um movimento interpretativo das revoluções desde o século XVIII ao estudo do capitalismo e da classe trabalhadora no decorrer do longo século XIX. Assim como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial inglesa representa para Hobsbawm um fenômeno transformador por excelência na história da humanidade, de modo que não faria sentido um estudo restrito ao país de origem, cabendo, pois, tratar de seus relacionamentos com a história mundial.

Essa ampliação para uma história mundial também está presente no livro *Bandidos* (1969), um desenvolvimento do tema esboçado em *Rebeldes Primitivos*, agora expandido para outras épocas e continentes. Para nosso intento, cabe destacar nesse livro a inovação, pelo menos no contexto do conjunto de sua obra, de lidar com fontes peculiares como poemas e baladas; e sua consideração acerca das afinidades entre banditismo e revolução, por aquele “representar um protesto social, senão um prelúdio ou campo de cultura da revolta” (HOBSBAWM, 1975, p.96) transferindo para este domínio uma reflexão já freqüente em seus estudos sobre trabalhadores. Foi ainda nesse ano que Hobsbawm publicou, em parceria com George Rudé, um livro exclusivamente dedicado a um movimento de trabalhadores rurais, *Capitão Swing: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra* (1969), o pano de fundo é novamente o processo de adaptação e resistência ao triunfo do capitalismo.

Trata-se da descrição e análise de toda uma época da história dos trabalhadores rurais ingleses, uma tentativa de “reconstrução do universo mental de um grupo anônimo e não-documentado de pessoas, com vistas ao entendimento dos seus movimentos” (HOBSBAWM, 1982, p.14); empreendimento que insere Hobsbawm nessa tendência geral entre os historiadores da época para trabalhar com o que podemos denominar, imprecisamente, “mentalidades”. No entanto, tal estudo está centrado em um movimento cujos propósitos imediatos eram econômicos, o prenúncio das reivindicações de caráter proletário que vieram a predominar desde meados do século XIX, um canteiro de trabalho já muito familiar aos dois autores. Embora estes, nesse

livro, tentem se abster de especulações quanto às possibilidades do movimento *Swing*, lembrando que ao historiador cabe, antes de tudo, “mostrar o que aconteceu e o porque do fato”, Hobsbawm não prescindiu da previsão retrospectiva em seus trabalhos paralelos de ensaísta; assim, se auto-instituíra intelectual ao atribuir-se “uma missão de cultura (...) uma missão de consciência pela humanidade”, se nos voltarmos para a definição, um tanto pessoal, de intelectual dada por Edgar Morin (MORIN, 1985, p.189). refletindo publicamente, por meio de artigos, sobre problemas humanos, econômicos ou políticos.

Uma de suas obras mais características, nesse sentido, é a coletânea de ensaios escritos durante a década de sessenta, *Revolucionários: ensaios contemporâneos* (1973), no qual o autor se coloca como um observador participante, valorizando sua presença como testemunha de seu tempo e já esboçando diversos temas sobre o século XX; enfim combina em um único trabalho paixão e projeto político. São, em sua maioria, resenhas, antes publicadas em diversos periódicos, entre os mais freqüentados pelo historiador pode-se citar *New Left Review*, *Marxism Today*, *New York Review of Books* e *New Statesman*. Seu objetivo, ao reuni-los em um livro, era levantar a discussão acerca dos revolucionários persistentes durante o século XX: comunistas, anarquistas e rebeldes, da “época em que as esperanças e os temores dos revolucionários eram inseparáveis dos destinos da Revolução Russa”.(HOBSBAWM, 1982, p.12).

Durante a década de setenta, embora com uma significativa redução de publicações acadêmicas¹, Hobsbawm se envolveu em dois grandes empreendimentos, escrever a história do longo século XIX e organizar a não menos ambiciosa história do marxismo. Ao escrever *A Era do Capital – 1848-1875* (1974), o historiador começou a conceber a estrutura da trilogia sobre o século XIX (1789-1914); esse segundo livro sucedia, depois de um intervalo de doze anos, *A Era das Revoluções*. Seria uma série de três livros que buscariam “analisar o mundo moderno da Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial”, uma síntese histórica dirigida ao leitor não-especializado.

¹ Fato explicado por Hobsbawm em função de sua intensa atuação como docente na *Faculdade de Birkbeck da Universidade de Londres*, na hoje chamada *Universidade Nova Escola* em Nova York, e, provisoriamente, em diversos estabelecimentos universitários em outros países, por exemplo o *Collège de France* e a *École des Hautes Études em Sciences Sociales* em Paris, e como professor visitante a *Universidade Cornell* nos Estados Unidos. Cabe destacar que foi somente em 1971 que o historiador obteve o título de professor na Universidade de Londres (HOBSBAWM, 2002, p.329-33).

Em *A Era do Capital*, é discutido o triunfo global do capitalismo, a intenção é “‘dar sentido’ ao período estudado, e traçar as raízes do mundo atual ligando-as àquele período”, e como reação às tendências historiográficas que privilegiavam as *permanências*, acrescenta: “meu objetivo é também trazer o caráter extraordinário de um período”.

A “era do capital” sucede à primeira e última revolução européia, depois “não iria ocorrer nenhuma revolução social geral do tipo buscado antes de 1848 nos países “avançados” do mundo”; quando a revolução industrial, então, engoliu a revolução política. Eis um período desagradável para qualquer comunista, inclusive para Hobsbawm que assumiu seu desprezo já na *Introdução* ao livro, prevalecendo uma certa aversão “ainda que mitigada pela admiração por suas titânicas realizações materiais e pelo esforço para compreender mesmo aquilo que não o agrada”. O refluxo da revolução social durante essa “era” decepciona o historiador, não pelo passado, mas pelos vinte anos de pós-guerra e a percepção de que tais revoluções não estavam na agenda política dos países de democracia capitalista.

O terceiro livro sobre o longo XIX saiu, também, depois de um longo intervalo, *A Era dos Impérios – 1875-1914* (1987), mas mantendo a estrutura delineada no segundo volume. “Entender e explicar um mundo em processo de transformação revolucionária, localizar as raízes de nosso presente no solo do passado e, sobretudo, ver o passado como um todo coerente” (HOBBSAWM, 1988, p.11), mais uma vez temos a oportunidade de apontar uma síntese da concepção de história que Hobsbawm tem desenvolvido. Esboçado em curso ministrado no *Collège de France* a convite do historiador Emmanuel Le Roy Ladurie, em *A Era dos Impérios* o autor introduz uma discussão acerca da memória pois sua ‘era’ acaba em 1914, um passado recente já passível de envolver experiências existenciais, daí iniciar o livro com um relato autobiográfico sobre “a zona de penumbra entre a história e a memória”. No que se refere ao contexto político, a década de oitenta assistiu a um intenso avanço da ideologia liberal e, para Hobsbawm, “a era dos impérios” mostrou que não era possível mais voltar ao mundo da sociedade liberal burguesa, “os próprios apelos conclamando a reviver o espírito do capitalismo do século XIX no final do século XX testemunham a

sua impossibilidade. Bem ou mal, desde 1914 o século da burguesia pertence à história”.

Ademais, esse terceiro volume sobre o século XIX oferece-nos uma série de elementos para a interpretação do conjunto da obra, pois o autor discute a questão da mistificação do período entre os historiadores, as relações entre continuidade e descontinuidade histórica, bem como uma descrição geral do projeto da trilogia num “todo coerente”, e algumas reconsiderações sobre as revoluções como veremos em outra parte deste estudo. No entanto, a estrutura de periodização presente nesses livros, e também no livro sobre o século XX (*Era dos Extremos: 1914-1991*), apresenta a peculiaridade de, como sugeriu Antoine Spire, abordar um momento de expansão seguido de um de crise, um de expansão, outro de crise, e assim por diante. Indagado sobre esta questão, Hobsbawm diz considerar aquela a estrutura de base da evolução do capitalismo e, retomando Marx, lembra que as épocas de expansão chegam a seus limites gerando contradições, ou seja, as crises, o que leva a uma reestruturação desses sistemas.

A existência de um certo ritmo na evolução do capitalismo desde fins do século XVIII é que daria uma certa unidade aos livros de sua série, escritos em épocas diferentes, mas sob a mesma análise. Quanto ao outro grande trabalho desenvolvido por Hobsbawm na década de setenta, *História do Marxismo* (1978-82), configura-se como obra de referência, com quatro extensos volumes publicados pela Einaudi em Turim,² reunindo estudos de diversos autores sobre o marxismo desde o tempo de Marx até início dos anos oitenta do século XX. Partindo da constatação de que o marxismo foi a escola teórica de maior influência prática na história do mundo moderno, e do pressuposto “de que a história do marxismo não pode ser considerada como algo acabado, já que o marxismo é uma estrutura de pensamento ainda vital”, foram reunidos autores não necessariamente em acordo teórico ou político, mas com objetivos comuns derivados ou influenciados por Marx. Uma obra que, certamente, na contracorrente das

² A edição brasileira pela *Paz e Terra* está dividida em doze volumes publicados a partir de 1979. Essa edição é desconhecida ou esquecida pelo autor, que em sua autobiografia declara que essa coleção “jamais veio a público em outros idiomas que não o italiano, pois o interesse por estes temas caiu repentinamente no final dos anos 70” (HOBSBAWM, 2002, p.336).

tendências políticas e historiográficas do momento, consta como uma reação crítica ao avanço conservador na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Esse é, também, o momento de maior atuação política de Hobsbawm depois de 1956, participando do debate sobre os rumos do trabalhismo na Inglaterra, por meio de artigos para a revista do Partido Comunista, *Marxism Today*; textos reunidos no livro *Estratégias para uma esquerda racional: escritos políticos 1977-1988* (1989). O historiador percebia que “após a década de oitenta era inegável a derrota da esquerda tradicional, tanto política quanto intelectual”, de modo que, a crítica já não era suficiente. Por essa altura, lança mais um de seus livros que podemos chamar de *complementares*, porque constituem versões lapidares de seus primeiros livros, como *Bandidos* em relação a *Rebeldes Primitivos*. Exatamente vinte anos após a publicação de *Trabalhadores*, uma nova coletânea de ensaios sobre a história do trabalho era entregue ao público, *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária* (1984), composta por artigos originalmente endereçados aos leitores do meio acadêmico, oferece, então, abordagens historiográficas.

Logo no primeiro capítulo desse livro, é exposta a idéia de que o historiador da classe operária estaria situado no ponto de encontro entre os estudos acadêmicos e a política e, acrescenta em termos *marxianos*, “entre interpretar o mundo e transformá-lo”. Esse dilema, decerto, o acompanhou durante sua trajetória, por outro lado, o teor de politização do tema foi imprescindível para suas escolhas como historiador. O historiador que contribui “para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político” (HOBBSAWM, 1997, p.22) é essa consciência que Hobsbawm reivindicou na introdução ao livro paralelo organizado em parceria com Terence Ranger, *A invenção das tradições* (1983). A partir de conferência promovida pela *Past and Present*, essa obra coletiva abordou a “tradição inventada” como indício de problemas que de outro modo não seriam localizados no tempo, ainda mais pelo próprio historiador estar inserido no processo.

A década de noventa foi, talvez, o período de maior militância histórica de Hobsbawm ao escrever importantes obras sobre história. Além da coletânea de artigos *Sobre Historia* (1997), um livro dedicado à defesa da interpretação tradicional da

Revolução Francesa (*Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a revolução Francesa – 1990*), então solapada pelas revisões que pipocaram às vésperas do bicentenário dessa revolução. *Era dos Extremos: o breve século XX –1914-1991* (1994) também se configurou como uma obra de defesa e divulgação da história; o historiador propôs-se a escrever sobre a história de seu tempo, seu objetivo era “compreender e explicar porque as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si”, uma função do historiador num momento em que quase todos os jovens estariam crescendo numa espécie de presente contínuo. Por fim, a já citada autobiografia define sua atividade como imersa na política, a sua própria e a do mundo, daí ser irreal tentar separar história e política.

A relação entre história e política constitui, também, o cenário de duas entrevistas concedidas por Hobsbawm ao italiano Antonio Polito (*O Novo Século – 1999*) e ao francês Antoine Spire (*L’optimisme de la volonté – 2003*). Portanto, o eixo temático que buscamos trabalhar neste texto, *paixão e projeto político*, compõe uma racionalização do próprio historiador, mas pudemos constatar a construção dessa estrutura desde seus primeiros livros, beneficiando-nos de sua autoconsciência desenvolvida durante anos de militância historiográfica e política. Ademais, se por um lado a crença na razão motivou sua atuação intelectual, mas sempre se sujeitando às ilusões de uma paixão; por outro lado, a convicção da importância da história para o mundo atual tornou Hobsbawm um crítico ferrenho das revisões e criação de mitologias históricas: “a defesa da história por seus profissionais é hoje mais urgente na política do que nunca. Somos necessários”.

Referencias Bibliográficas

DAHL, R. *Análise Política Moderna*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1974

KOSELECK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro, Eduerj- Contraponto, 1999

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984

- HOBBSBAWM, E. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- _____. *Ecos da Marselhesa: Dois Séculos Revêem a Revolução Francesa*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.
- _____. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, Cia das Letras, 1995
- _____. *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998
- _____. *Rebeldes Primitivos: Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX*. (1959). Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- _____. *Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado*. (1964) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- _____. Introdução. In MARX, K. *Formações Econômicas Pré-capitalistas* (1964). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- _____. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*.(1968) Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979.
- _____. *Bandidos*. (1969) Rio de Janeiro, Forense, 1975.
- _____ e RUDÉ, G. *Capitão Swing: a Expansão Capitalista e as Revoltas Rurais na Inglaterra do início do Século XIX* (1969). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- _____. *Revolucionários: Ensaio Contemporâneo*.(1973) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- _____. *A Era do Capital: 1848-1875*. (1974) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- _____. (org.) *A História do Marxismo*. (1978-82) Vários Vols. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. e RANGER, T. *Invenção das Tradições*.(1983) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- _____. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. (1984) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. *A Era dos Impérios:1875-1914*.(1987) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988

_____. *Estratégias para uma esquerda racional.*(1989) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade.* (1990) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____. *Pessoas Extraordinárias.* (1998) São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

_____. *O Novo Século.*(1999) São Paulo, Cia das Letras, 2000.

_____. *Tempos Interessantes: Uma Vida no Século XX.* (2002) São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

_____. *SPIRE, A L'Optimisme de la Volonté: d'un Siècle à l'Autre.* Paris, Le Bord De L'eau Editions, 2003.

MORIN, E. *Meus Demônios.* Lisboa, Publicações Europa-América, 1995